

Stadium

N.º 355
21 - Setembro - 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

SPORTING, 1 - BENFICA, 0 no Estádio Nacional

Na primeira parte, o Benfica desenvolveu boas jogadas de ataque. Nesta imagem, Teixeira e Pascoal, os novos da linha da frente, lutam com Marques e Verissimo. (Foto Nuno Ferraz)





O friso das concorrentes aos 100 metros-livres. Da esquerda: Besse, Odette Casteur, Lecantre, Maria Luísa Malheiro da Silva, Regina Deniz Mendes e Odete Nobre

NATAÇÃO INTERNACIONAL

A visita do Paris Université Clube

NÃO se apagará tão cedo da memória a excelente impressão deixada entre nós pela magnífica equipa do Paris Université Club que, segunda e terça-feira da pretérita semana, realizando dois festivais no Estádio náutico do Sport Algés e Dafundo, proporcionou as me-

lhores e mais valorosas organizações dos últimos dez anos.

Com efeito, só há motivos para júbilo. A iniciativa da Federação Portuguesa de Natação — verdadeira aventura — foi coroada do melhor êxito. O público lisboeta teve oportunidade de apreciar nadadores e nadadoras de verdadei-



As três primeiras classificadas nos 100 metros-bruços: Odette Casteur, Besse e Delmas

Lusien e Odette Casteur, as "vedetas" do P. U. C. — Bom valor global dos visitantes — O recorde de Abel Guimarães — A vitória de Franco do Vale — As vitórias em "water-polo"

ra classe internacional, os elementos portugueses aplicaram-se com belo entusiasmo e desportivismo — havendo a registar-se a queda de alguns recordes — e assistiu-se, finalmente, a duas magníficas e justas vitórias nos encontros de «water-polo», as quais há o dever de realçar devidamente, por variadíssimas razões, não sendo a de menor monta entre elas, o facto de a modalidade ser cultivada apenas no S. A. D.

resultado de 2 m. 43 s. Ficou longe, é certo, do melhor resultado europeu — 2 m. 36,8 s. — mas isso em nada deslustra o valor da sua corrida, o nível da sua técnica, numa palavra, a sua verdadeira classe de campeão.

Tal como Lusien nas provas masculinas, Odette Casteur brilhou a grande altura nas corridas femininas. Um par inconfundível. «Mariposista» de grandes recursos, com seu estilo excelente-



Os concorrentes classificados nos postos de honra dos 400 metros-livres: Lugan, Meslier, Fernando Madeira e Fourcade

Numa temporada como a presente, plena de movimentação e de iniciativas, a recente visita do valoroso conjunto do P. U. C. ficará como o seu melhor momento, como aquele momento em que se reataram as grandes competições internacionais de natação, como a vez primeira em que a F. P. N. se abalçou a trazer, até nós, um elenco que pela sua categoria e homogeneidade, pôde proporcionar festivais de características até então inéditas.

Além disso — e o facto é de capital importância — os nadadores parisienses exibiram-se, também, nas piscinas de Coimbra e do Luso. A iniciativa teve, pois, apreciável extensão.

Lusien e Odette Casteur — «bru-cistas» de grande classe

Maurice Lusien e Odette Casteur são, sem dúvida, as duas grandes figuras do elenco do P. U. C. Dois verdadeiros campeões, dois nomes de primeiro plano do desporto francês.

Maurice Lusien — exímio praticante de «mariposa» — creditou-se de 1 m. 11,4 s. aos 100 metros, patenteando claramente todo o seu valor e justificando amplamente a fama de que vinha precedido. Aliás, a marca é suficientemente elucidativa.

No duplo hectómetro, tentou melhorar o respectivo recorde europeu. Não foi, porém, feliz na sua tentativa, mas obteve o excelente



Odelle Casteur, a gentilíssima «cedela» da equipa do P. U. C., cujas exhibições em braços «mariposa» causaram viva sensação

mente ritmada, dando, ao mesmo tempo, agradável sensação de facilidade, e campeã de França creditou-se de 1 m. 25,6 s. aos 100 metros. Nesta prova, duas parisienses impressionaram agradavelmente pela correcção do seu «brucos-clássico»: Delmas (1 m. 35,5 s.) e Besse (1 m. 39,8 s.).

Nos 200 metros-brucos, que percorreu integralmente em «mariposa», Odette Casteur patenteou, uma vez mais, a sua alta craveira de estilista e de campeã. Obtendo 3 m. 14 s., marcou bem a sua superioridade sobre as demais concorrentes, todas utilizando o estilo clássico. Delmas (3 m. 28 s.), Besse (3 m. 43,8 s.), Maria Luísa Araújo (3 m. 48,9 s.).

Casteur triunfou, também, nos 100 metros-livres, com indiscutível brilhantismo, afirmando-se, igualmente valorosa nadadora de «crawl» de frente. Obteve 1 m. 19,6 s. Maria Luísa Mülheiro (1 m. 26,5 s.) venceu bem Leconte, que não foi além de 1 m. 30,5 s.

Abel Guimarães, com 1 m. 18,6 s. aos 100 metros-brucos

O campeão nacional e representante do F. C. do Porto, Abel Araújo Guimarães, confirmou em Lisboa as excelentes exhibições feitas em Coimbra, quando dos campeonatos nacionais. De facto, nos 100 metros-brucos — cujas primeiras duas piscinas foram corridas com apreciável energia — conseguiu bater o «velho» recorde de João da Silva Marques que datava de 19-7-36, com a marca de 1 m. 19,4 s. Abel Guimarães obteve, agora, 1 m. 18,6 s. Na prova de 200 metros, lutou

muito bem com Dupé (2 m. 57,9 s.) obtendo 2 m. 58,4 s. Não admira, pois, que Abel Guimarães, dentro em breve, se aposse, também, do recorde nacional, pertença de Silva Marques, com 2 m. 56,9 s (22-8-37).

Franco do Vale, vencedor dos 100 metros-costas

Apenas numa prova — a de 100 metros-costas — pudemos saborear a alegria da vitória. Mas, em compensação, os lusitanos ocuparam os quatro primeiros postos.

Franco do Vale, muito bem apertado por José Inácio Borja, obteve um bom «tempo»: 1 m. 14,4 s.

Borja — o vencedor de Coimbra — não lhe ficou longe, com 1 m. 16,8 s., que aliás não é o seu melhor.

Surgey (1 m. 21,6 s.) e Eduardo Cordeiro (1 m. 22,1 s.) travaram interessante despique, emprestando boa animação à corrida. Ambos bateram, muito bem, o melhor parisiense — Chauveau — creditado de 1 m. 23 s. O estorilista José Rosado (1 m. 27,7 s.), completou o grupo dos participantes à prova que proporcionou a única vitória portuguesa.

Boulin, Lukan, Meslier, Babey — nadadores de classe

Na prova clássica de velocidade pura, não puderam, infelizmente, concretizar-se as esperanças de uma vitória de Guilherme Patrone. O campeão português, indispotido fisicamente, não logrou alcançar melhor do que 1 m. 4,8 s., contra 1 m. 3,7 s. de Boulin e 1 m. 3,9 s. de Babey. A chegada dos dois parisienses foi emotiva. Eduardo Barbeiro, muito próximo de Patrone, em 1 m. 5., conseguiu bater Dupont, que obteve 1 m. 5,5 s. A prova foi, como se verifica, particularmente animada, ainda que fraco o conjunto dos «tempos».

Meslier e Lukan «comandaram» a prova de 200 metros-livres, creditando-se, respectivamente de 2 m. 25,3 s. e 2 m. 25,4 s.

Os mesmos nadadores voltaram a brilhar nos 400 metros-livres.

Meslier, primeiro a trocar aos 100 e 200 metros, respectivamente, com 1 m. 12,1 s. e 2 m. 35,5 s., foi depois ultrapassado por Lukan que, depois de atingir os 300 metros já na posição de vencedor, tocou a meta com 5 m. 16,5 s. Meslier gastou 5 m. 26 s.

«Tempos» de valor

Ainda que vencidos, os nadadores portugueses deram boa conta de si. Assim, antes de mais, há que destacar o belo «tempo» de Fernando Madeira nos 200 metros-livres — 2 m. 29,8 s. — que fica constituindo novo recorde da categoria de principiantes.

Igualmente valorosa a marca também por Fernando Madeira obtida nos 400 metros-livres — 5 m. 31,7 s. — prova esta em que Eurico Perdigão revelou progresso, creditando-se de 5 m. 56,3 s.

Por seu turno, Maria Luísa Mülheiro da Silva, conseguiu, na terça-feira, com melhor tática, melhorar o seu recorde de 100 metros-livres, iniciadas, agora fixado em 1 m. 25,2 s.

Três novas recordes — um absoluto e dois de categoria — ficaram, portanto, a assinalar o comportamento meritório dos portugueses.

Dois triunfos em «water-polo»: 5-2 e 7-3

Certamente contra a melhor expectativa, o «sete» do Algés e Dafundo alcançou duas mercedas vitórias nos jogos de «water-polo»: 5-2, no primeiro dia e 7-3, no segundo.

Ainda que menos rápidos, os representantes do S. A. D. applicaram-se com notável entusiasmo e bom sentido de remate, pormenor em que sobressaiu José Manuel Correia. Além disso, Máximo Couto foi um guardião atento e valoroso que muito contribuiu para os resultados alcançados.

As equipas alinharam, nos dois dias, do modo seguinte:

P. U. C. — Dupé; Meslier e Babey; Lukan; Boulin, Leboucq e Clam.

Algés — Máximo; Dino e Bessone; Vale; Amílcar, José Manuel e Óscar.



O grupo de honra de «water-polo» do Algés e Dafundo, brilhante vencedor do P. U. C. De pé: Dino Mendonça, Nabais da Cruz, José Manuel e Óscar Cabral. De joelhos: Franco do Vale, Máximo Couto e Bessone Basto Junior

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31137 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Oficiais e desportistas

NA escola americana dos cadetes de West Point, a prática desportiva ocupa lugar importante no programa educativo, com carácter exclusivo, até, em certos casos de inadaptação.

Para serem admitidos na escola, os candidatos precisam de satisfazer a certo número de «tests» desportivos bastante severos: 100 jardas em 13 s., 1.^o30 em altura e 4.^o75 em comprimento; 9.^o30 com o peso de 6 kg. e meia milha (804,5 m em 2 m. 47 s.)

Desde o dia da sua entrada na escola, o «calouro» terá que jogar numa das equipas dos muitos desportos colectivos praticados em West Point. Supondo, por exemplo, que existem quinze companhias de cadetes, haverá em cada modalidade desportiva quinze equipas participantes nos campeonatos internos.

Os vencedores de cada torneio têm direito a usar uma insignia especial e a companhia que obtem melhor conjunto de classificações fica detentora de uma taça criada em 1924. Depois, os melhores são seleccionados para o grupo representativo que defronta a Armada num «match» afamado, que entusiasma a multidão e é sempre presenciado pelo Presidente da República.

Pode, porém, suceder que um novato encontre dificuldade em acompanhar estas actividades; em tal caso, os chefes submelem-no a vigilância especial e se o reconhecem incapaz para toda a prática desportiva, mandam-no para casa.

A escola militar de West Point toma parte nos campeonatos universitários e disputa frequentes encontros com grupos civis, pois importa sobretudo que o futuro oficial receba na prática do desporto os ensinamentos necessários ao cumprimento cabal da sua missão de combatente e de condutor de homens.

“Jogar à bola e passear não é vida...”

disse-nos Pascoal — partidário do futebol amador

PODE afirmar-se que Pascoal foi um dos estreantes mais em evidência na primeira jornada da época. A sua actuação ao lado de Rogério, a interior e a extremo-esquerdo, em permuta com o «internacional», forneceu a primeira esperança dos «encarnados». Primeira promessa da temporada que, por enquanto, não passa disso.

O nosso entrevistado chama-se Raul Romeiras Pascoal. Nasceu em Montemor-o-Novo e tem 23 anos de idade. Começou a jogar com 15 anos num grupo popular da sua terra, passando nessa mesma época à categoria de honra do União de Montemor, actuando invariavelmente, a extremo e interior. «No entanto — disse-nos — gosto mais do lugar de extremo».

Escutemos agora o jogador que nos val dizer como foi parar ao Portimonense:

— Tinha ido para Tavira fazer o curso de sargentos milicianos. O meu clube, o União de Montemor, emprestou-me ao Portimonense para uma época apenas — a época passada — em virtude de eu não poder deslocar-me a Montemor para os treinos e jogos. Como estava no Algarve, fiz a temporada pelo Portimonense, mas no fim da época fiquei automaticamente livre, pois jogara pelos algarvios com um documento militar. Só tinha compromissos perante o União de Montemor. Portanto...

Fez uma pausa e depois concluiu num desabafo:

— Não concordo que viesse agora nos jornais, à frente do meu nome (ex-Portimonense) — quando na realidade eu sou ex-União de Montemor!

— E como ingressou no Benfica?

— Vim a Lisboa disputar os campeonatos militares de basquetebol — e o sr. Simão Malta, presidente do União de Montemor, autorizou-me a ir treinar futebol ao Benfica. Regressei ao Algarve e quando acabei o serviço militar vim para Lisboa jogar pelos «encarnados» de acordo com os dois clubes.

E acrescenta:

— Como sabe, em Montemor há uma grande corrente do Benfica. De modo que o meu ingresso no clube lisboeta encheu de alegria os meus conterrâneos. Eu ainda fiquei mais contente porque fui sempre Benfica! E não estou arrependido da mudança, porque a direcção e a massa associativa do meu novo clube — ou por outra, do meu clube de sempre — me tem dispensado o melhor carinho e apoio.

Como qualquer jogador, Pascoal tem os seus momentos de alegria no desporto, as suas preferências e as suas aspirações. «A maior alegria — disse-nos — teve-a no dia em que se estreou no Benfica, cujas cores vai procurar servir

com a melhor vontade e o maior esforços».

Quanto a preferências, vão todas para a gente do seu clube e da sua terra:

— Admiro todos os jogadores do Benfica e, especialmente, Rogério. Distingo, de Montemor, Jorge Santos, um bom defesa e um grande amigo; Manuel Joaquim, antigo guarda-redes do Benfica; Amaral ex-Atlético que está em

muitos títulos; 2.º, arranjar um emprego.

— Nesse caso — observámos — não é partidário do futebol profissional?

— Acho que jogar à bola e passear não é vida... Todo o jogador deve trabalhar para assegurar o futuro.

— Qual a sua profissão?

— Era funcionário público — na Câmara de Montemor — e espero



PASCOAL

baixo de forma, mas deve recuperar-la; e Filipe Gatinho um bom médio.

Fala-se de Gatinho, pois aquele é irmão do antigo defesa do Benfica e Belenenses e Pascoal esclarece:

— Os irmãos Gatinho são de Montemor. Chegaram a jogar quatro na primeira categoria do União na mesma época. E um deles — o Patrício — era um grande defesa. E quanto a aspirações, duas apenas:

1.º — Continuar a representar o Benfica e ajudá-lo a conquistar

empregar-me em Lisboa dentro de pouco tempo. Sabe? Vou-me casar e tenho de olhar ao futuro...

Após esta revelação, lançámos a última pergunta:

— Qual lhe parece melhor a preparação do jogador — em clubes de Lisboa ou da Província?

— Em Lisboa — pelo menos no Benfica — vela-se muito pelo jogador e este tem, por força, de adquirir melhores conhecimentos. Não quero terminar sem manifestar o meu agrado pela orientação de Ted Smith e Cândido Tavares

O Festival Hípico de Cascais

ORGANIZADO pela Sociedade de Propaganda de Cascais, realizou-se no domingo, no hipódromo da Gandarilha, um festival hípico, que teve o condão de all atrair numeroso público. Deve desde já dizer-se que ninguém deve ter-se arrependido de assistir às provas de encerramento da época na Costa do Sol.

O elevadíssimo número de cavaleiros e amazonas que nelas se inscreveram contribuiu para o êxito da jornada e emprestou à competição um interesse que, talvez se não esperasse.

Há que salientar, antes de mais nada, o brilho com que o tenente Romeiras Júnior, montando «Nocivo», obteve o 1.º lugar da prova «Câmara Municipal de Cascais», a magnífica vitória de D. Isabel Ribeiro Ferreira, no «Pinguim», na «Junta de Turismo» e, finalmente, o bonito triunfo alcançado por D. Maria Cruz Azevedo e tenente Manuel Cerqueira, montando respectivamente «Formoso» e «Balrista», na prova de parellhas mistas, denominada «Sociedade de Propaganda de Cascais». Estes últimos, confirmaram a sua vitória na mesma prova do último Concurso de Sintra, e fizeram-no com o mesmo desembaraço e com idêntica correcção.

Mas há mais. Há que mencionar, por exemplo, a forma como D. Maria Cruz Azevedo conduziu o «Formoso» na segunda prova da jornada, arrancando o 2.º posto da classificação e «destronando» o Príncipe das Astúrias relegado para o 3.º lugar; a boa actuação de D. Helena Assesca, no «Nocivo» e capitão Reimão Noqueira, no «Congo», no decorrer da prova de parellhas mistas; finalmente o encanto dado por todas as senhoras nas provas que disputaram, graças à sua desenvoltura, à sua elegância e ao seu encantador desembaraço.

Se as competições deste ano terminarem de facto, pode dizer-se que fecharam com chave de ouro. O festival de Cascais agradou a gregos e a troianos. Reside nisto o maior elogio que se lhe possa fazer.

ANTAS TEIXEIRA

FUTEBOL

Torneio de Preparação

Classificação geral

| | J. | V. | E. | D. | B. | P. |
|----------------|----|----|----|----|----|------|
| Sporting..... | 3 | 3 | — | — | 13 | 0 9 |
| Atlético..... | 3 | 1 | 2 | — | 6 | 4 7 |
| Benfica..... | 3 | 1 | 1 | 1 | 6 | 4 6 |
| Oriental..... | 3 | 1 | 1 | 1 | 5 | 11 6 |
| Estoril..... | 3 | 1 | — | 2 | 3 | 7 3 |
| Belenenses.... | 3 | — | — | 3 | 0 | 7 3 |

dentro do Benfica e de Szabo no Portimonense.

Despedimo-nos e deixámos Pascoal a falar com um pequeno sócio do Benfica que apareceu a bater com a mão no peito e dizendo que também era de Montemor. Mais um conterrâneo do Benfica..

HENRIQUE PARREIRÃO



As gentis concorrentes à Travessia do Tejo. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Maria Luísa Araújo, Maria Luísa Malheiro, Odete Nobre e Lucília Angeja

NATAÇÃO

JOAQUIM BAPTISTA PEREIRA

vencedor absoluto da Travessia do Tejo

A prova clássica da travessia do Tejo, desta vez com chegada a Algés — as obras do porto de pesca, em Pedrouços, impossibilitaram a colocação da meta no local habitual — proporcionou nova e brilhante vitória a Joaquim Baptista Pereira, ainda hoje, o nosso especialista número um em corridas do género. No entanto, o seu triunfo de domingo último, não foi alcançado com aquela supremacia que caracterizou tantas das suas vitórias. Com efeito, o seu companheiro de clube Jofre de

Carvalho acompanhou-o de muito perto, lutando ombro a ombro pode dizer-se durante quase todo o percurso, ao ponto de sobre a meta os separar a distância de quatro segundos. Se, por um lado, há que salientar a vitória de Baptista Pereira (35 m. 55 s.), por outro há, sem dúvida, que realçar a bela prova de Jofre (35 m. 59 s.).

Alás, o Alhandra conseguiu a excelente proeza de ver classificados, nos primeiros quatro postos, os seus representantes seniores. António de Carvalho (36 m. 22 s.) e Manuel Pinhão (37 m. 53 s.)



Travassos foi operado no sábado passado nos quartos particulares do hospital de S. José pelo sr. dr. José Paredes. A operação decorreu satisfatoriamente, e, apesar de sentir dores durante algum tempo, o conhecido internacional retoma a pouco e pouco a serenidade e ganha a certeza de que brevemente voltará a pisar os terrenos de futebol. Quando visitámos José Travassos, a quem desejamos o mais rápido restabelecimento, estava ele acompanhado de sua estremosa esposa e do dedicado massagista do Sporting



O grupo dos concorrentes à travessia do Tejo



Luís Carlos Reis e António Palla, os dois «veteranos» que briosamente disputaram a Travessia do Tejo

— também com nome firmado em provas de «fundos» — merecem, igualmente, referência elogiosa.

Outra colectividade de Alhandra — o Cimento Tejo — esteve em plano de muito relevo, pelo seu magnífico triunfo na categoria de juniores, classificando os três melhores elementos desta categoria: João Peniche Farias (38 m. 25 s.), Luís Graça (39 m. 27 s.) e Renato de Sousa (40 m. 32 s.). A vitória colectiva pertenceu-lhe, assim, com o mínimo de pontos.

As três senhoras concorrentes — Maria Luísa Araújo, Odete Nobre e Lucília Angeja — evidenciaram apreciável brio desportivo, com relevo especial para a campeã de brucos.

De modo geral, a travessia do

Tejo, com seus trinta e quatro concorrentes chegados, deixou agradável impressão, e constituiu, pelo menos, colorido e movimentado espectáculo, traduzido em proveitosa jornada de propaganda.

ABREU TORRES

As entidades oficiais e a «Stadium»

Recebemos o seguinte officio da S. P. de Cascais: — A Sociedade Propaganda de Cascais vem pela presente agradecer muito penhorada a V. pela publicidade feita pela vossa Revista, durante o XIII Concurso Hípico Internacional Oficial de Cascais, a qual contribuiu para o bom êxito do dito.

«Stadium» há muito dedica a melhor atenção ás belas taletas da Sociedade Propaganda de Cascais.

ARCADIA DANCING DE LUXO

FORMIDAVEL TRIUNFO DA GRANDE ATRAÇÃO INTERNACIONAL

RIBER & DANTZER

Num extraordinário programa de variedades, com

Nicole Blanchery ♦ Dalna
♦ Lolita Bernabé ♦ Mabel
Valência ♦ Sara Seny

Música constante pelas ORQUESTRAS
LOS GANSOS CANTORES
e ARCADIA com a vocalista
JULIETA RODRIGUES

Maria Luíza ♦ Issa Lerma ♦ Marina Del Rio ♦ Estrellita
Alcacer ♦ Noly Navalcoy

A ESGRIMA NACIONAL

vai reviver as suas prestigiosas tradições e reabilitar-se perante a opinião pública

diz-nos o capitão Campos Andrada, mestre de armas, e componente da Comissão Administrativa da Federação de Esgrima

A Esgrima, um desporto de bellissimas tradições em Portugal, accusa neste momento fraca actividade. Não se têm disputado torneios e as salas de armas quase que estão desertas.

A situação parecia agravar-se, ao ficar a Federação Portuguesa de Esgrima sem dirigentes. Mas o sr. director geral dos Desportos acudiu à esgrima, nomeando uma Comissão Administrativa. Os capitães Campos Andrada, e Pereira de Castro, e Norton Osório e Luís Retumba, este do Porto, formam essa Comissão.

Sem considerações desnecessárias, pondo de parte quaisquer casos internos da modalidade, a nossa curiosidade levou-nos até junto do sr. capitão Campos Andrada — distinto mestre de armas e activo inspector de desportos da F. N. A. T. e da Mocidade Portuguesa — procurando as informações de momento no que se refere à esgrima.

Amável e acolhedor, como sempre, o capitão Campos Andrada, senta-nos a seu lado num recanto confortável de uma das salas do Palácio da Independência.

— De facto é como diz. De momento nada se faz em esgrima, diz-nos o capitão Campos Andrada...

E depois:

— Não posso admitir o desinteresse que se accentuou depois do Campeonato do Mundo efectuado em Lisboa. E não creio que seja de admitir pelo facto de não conseguirmos primeiros lugares em competições internacionais. A esgrima portuguesa nas Olimpíadas nunca foi além do 3.º e 4.º lugares, mas também só agora conhecemos o sabor delicioso de um título de campeões do Mundo — o hóquei em patins.

« Houve um período em que só os povos latinos, bons esgrimistas, se apresentavam em competição. Depois vieram a Suécia, Hungria, Bélgica e Egipto. Movimentou-se mais a esgrima internacional. Apareceram melhores esgrimistas.

« A quando do Campeonato do Mundo apresentámo-nos nas três armas. Isto que poderia ter sido um incentivo não o foi, todavia. Os resultados obtidos pelos nossos esgrimistas não corresponderam... O público ficou desapontado. Os esgrimistas esperavam também melhor. Nós igualmente esperávamos melhor de alguns deles. Mas isto são as contingências da luta!... »

Reabilitemos a esgrima nacional!

— Mas não falemos em casos passados. Aprecie-mos o presente e o que pensamos que seja, ou deveria ser, o futuro!

« Vamos tentar o que nos parece útil e necessário para o ressurgimento da modalidade. O intuito é não deixar morrer um desporto de



Capitão Campos Andrada

tão brilhantes tradições. Consideramos da maior urgência difundir a prática da esgrima e reabilitá-la perante a opinião pública. Contamos para tanto com o auxílio e o interesse da Direcção Geral dos Desportos.

Quase não interrompemos o capitão Campos Andrada...

— Eu sei que talvez as condições de vida, actualmente, não permitam aquela afluência de ouvintes às Salas de Armas, mas também é certo que dantes os esgrimistas iam para a sua Sala às seis da tarde, davam a sua lição, faziam os seus treinos e por ali ficavam mais um grande bocado, atirando com entusiasmo. O esgrimista não pode usar o sistema de chegar à sala, estar na bicha para receber a lição e, após ela, fugir logo...

— Medidas a adoptar?

— Começaremos de novo, esquecendo o passado. Julgamos, no entanto, ser indispensável contar com a boa-vontade das salas de armas e dos seus Mestres. É preciso reunir o maior número de esgrimistas e estabelecer contacto internacional, procurando fazer provas no nosso País.

Em Outubro vêm a Lisboa esgrimistas franceses

— Assim, continua a informar-nos o capitão Campos Andrada, projecta-se realizar de 1 a 7 de Outubro

próximo, no Estoril, aproveitando a deslocação a Lisboa de uma equipa de espada de Toulouse, que deverá defrontar a da Sala Carlos Gonçalves, uma prova individual de espada para a qual serão convidados mais alguns atiradores estrangeiros se o número de nacionais inscritos o justificar. Se houver inscrições, em florete e sabre, é possível que se realizem também provas destas armas.

— Infco de um programa, atalhá-

mos.

— Para o qual terá de haver uma intensificação de trabalho nas Salas de Armas, afim de se verificar o progresso dos nossos esgrimistas, conduzindo a formação de uma equipa de prováveis seleccionados para representação nacional. Este movimento de treino e preparação dará motivo a uma reunião semanal de esgrimistas. Mas há mais pormenores a observar e que pesam sobremaneira no problema da esgrima.

« Por exemplo: não faz sentido que no verão se deixe de fazer esgrima. O esgrimista não pode abandonar a sua preparação. Poderá, sim, nos meses de férias, abrandar um pouco, mas nunca descansar dois ou três meses. Pensamos, por isso, em dois torneios, um no Estoril e outro na Curia.

« Propriamente como provas da Federação ou encontros internacionais estão marcados, em princípio, os seguintes:

« Em Março: torneio Luso-Espanhol; Abril: o IV Portugal-Inglterra, à espada, além das provas nacionais e as de preparação para o Campeonato do Mundo, em Junho.

— Conta com gente nova nas esgrimistas?

— A bem dizer, novos são eles todos. E com eles espero ver regressar Henrique da Silveira de quem ainda muito se pode esperar.

« E' certo que apesar de termos filladas 17 Salas de Armas não contamos com número equivalente de esgrimistas em actividade.

— Essas Salas...

— Em Lisboa: Centro Nacional de Esgrima, Sala Carlos Gonçalves, Ginásio Clube Português, Lisboa Ginásio, Ateneu, Mocidade Portuguesa, Instituto Superior Técnico, Associação dos Pupilos do Exército, Grupo Desportivo da Casa H. Vautier, Hockey Clube de Portugal, Salas de Armas do Regimento de Lanceros 2; Regimento de Cavalaria 7 e Escola do Exército. No Porto: Sport Clube do Porto, Centro Especial da Mocidade Portuguesa e Centro Universitário.

« Se todas estas Salas entrassem em actividade normal conquistariam depressa o nível desejado.

— E a Mocidade Portuguesa?

— Tem sido, certamente, boa escola. Recorde-se o encontro com Jeunesse Française. Belo grupo que hoje faz grande figura! Mas houve

A hora mais propícia

TODOS sabem que as condições de ambiente climático exercem apreciável influência sobre o rendimento dos atletas em prova. A aragem, a temperatura, a acção directa do sol eram consideradas com atenção quando se procurava obter, para qualquer fim, o resultado óptimo do esforço de um corredor.

A doutrina geralmente adoptada fixava a conveniência de uma temperatura moderada, de preferência nas horas da manhã, quando o sol já exerce a sua influência tónica mas ainda não aqueceu em demasia a atmosfera.

Declaravam-se propícias aos melhores resultados, também, as tardes cálidas e amenas, pois era opinião geral que os músculos davam maior rendimento quando em ambiente aquecido por este maravilhoso sol da nossa terra.

Não só entre nós, mas em todos os países do mundo, os torneios de atletismo iniciavam-se ao meio da tarde, para terminarem antes do sol posto.

Os suecos revolucionaram agora todas estas tradições e os resultados parecem dar-lhes razão; as competições atléticas começam naquele país depois das seis horas da tarde (com o sol muito mais baixo do que cá, dada a diferença de latitude) e prolongam-se além do crepúsculo, terminando por vezes noite cerrada, à luz artificial. E nestas condições que os atletas nórdicos têm estabelecido as suas melhores marcas, que Reiff e Jacques Vernier, hóspedes da Suécia, alcançaram os seus novos recordes, muito além dos tempos que lhes eram habituais nos seus países. Onde nos levará este novo conceito?

A ser adoptado como regra universal, teríamos o atletismo como desporto da noite, fugindo ao sol que até hoje era tido como o seu melhor amigo.

pouca sorte. Esses dez elementos dispersaram-se. Três foram para Aíres, Carlos Gouveia Franco, Viana Rodrigues e Avelar George; Carlos Cardoso, oficial em Santarém, abandonou. O único que ainda treina é Andrade Barreto.

— No Porto?

— Luís Retumba é elemento cheio de vontade e há-de agitar novamente o melo. Esperamos até efectuar um encontro Lisboa-Porto.

— A esgrima vai, então, ressurgir...

— Estamos disso crentes. Vamos começar de novo. Se esperarmos de nós trabalho que sirva ao ressurgimento da modalidade, também muito esperamos pela nossa parte do trabalho dos próprios esgrimistas.

FERNANDO SÁ

ROLA (de Estarreja)

Uma esperança? Uma certeza?

Iniciada a presente temporada apareceram nomes novos nos quadros dos principais clubes, vindos de agremiações da Província, onde se revelaram como óptimos valores locais.

Integrados em equipas de maior capacidade técnica, só o tempo poderá dizer se o merecimento reconhecido no seu meio, tinha a solidez indispensável para a permanência, por mérito próprio, em turmas de muito maior valia.

Confieamos que esses jovens atletas sejam certos no futuro, pois o futebol nacional bem pre-

de «voar» mais alto, — e ali exercia o mister de operário fabril, gozando de grande popularidade, devido à sua simplicidade e excelente compostura.

Resolvemos ouvir o prometedor elemento que se salientou no jogo Sporting-Oriental, alinhando a extremo-esquerda da equipa de honra, ao lado dos quatro consagrados «internacionais» e que, além dos três golos que marcou, deixou antever excelentes qualidades de jogador com futuro risonho à sua frente.

No intervalo de um treino, abordámo-lo depois de Manuel Marques (Manecas) ter feito as apresentações.

— Que idade tem?

— 22 anos.

— E a que clubes jogou?

— Apenas no Estarreja, onde ingressei há três anos, isto é, desde a sua fundação. Nunca pertencei a qualquer outro, mesmo popular, limitando-me até aos 19 anos a jogar a bola com os rapazes da minha idade.

— Em quantos campeonatos entrou?

— Apenas em três. No primeiro, disputámos o campeonato promocionário da Associação de Futebol de Aveiro, que vencemos. Joguei a ponta esquerda. No segundo, classificámo-nos em 4.º lugar na II Divisão e na temporada que findou ganhámos o título. Nas duas últimas épocas, joguei a avançado-centro.

— Alinhou contra clubes lisboetas?

— Não senhor. Joguei contra o Futebol Clube do Porto e também contra o First de Viena e o Austria, metendo um golo em cada desafio realizado com os estrangeiros. Devo dizer, que nestes jogos alinhiei pelo Beira-Mar sempre a avançado-centro. Também defrontei o União Desportivo Oliveirense, num encontro particular, realizado em Oliveira de Azemeis,

tendo marcado quatro tentos. O Estarreja perdeu por 6-5. Este foi o meu melhor desafio! Joguei bem, muito bem mesmo!

— Já agora, diga-me, qual o jogo pior?

— Um contra o União de Lamas (da Feira). Não pelo que eu joguei, mas sim pelo que apanhei... não faz ideia... sai do campo com as pernas e as costas que pareciam o mapa de Portugal...

— Quantos treinadores teve?

— Dois. O sr. João Francisco Silva (Fais), que jogou no primeiro «team» do Benfica e a quem estou muito grato por tudo quanto fez por mim, e o sr. Artur Baeta o actual treinador, que também me acarinhou e me ensinou.

— O Sporting foi o único clube que se interessou por si?

— Houve muitos mais, — respondeu-nos. O Benfica, Porto, Estoril, Sporting da Covilhã, Boavista, Académica de Coimbra, Beira-Mar, Oliveirense e o Agueda. O treinador do Benfica, sr. Ted Smith, foi propositadamente a Avanca para me ver jogar no desafio de passagem que o Estarreja fez contra o Avanca.

— Sendo assim, porque preferiu o Sporting?

— Porque este clube tratou da minha transferência directamente com a direcção do Estarreja, tendo o sr. dr. Ribeiro Ferreira ido a Albergaria-a-Velha, avistar-se com os directores. Os outros clubes, agiram por intermédio de pessoas que só comigo falavam. Daí... De resto, minha inclinação!

— Diga-me, quem tratou do assunto consigo?

— Os srs. Alexandre da Silva Miranda, presidente do Estarreja, Mário de Pinho Garcia, director e Artur Baeta, treinador, que em Sever do Vouga, onde a equipa estava em estágio, para jogar contra o Avanca, me fizeram a proposta que aceitei contentíssimo, embora a princípio me custasse acreditar.

— Foi submetido a algum treino?

— Sim senhor, a um, presenciado pelos srs. César Vitorino e Cândido de Oliveira. Pouco mais ou menos um mês depois vim a Lisboa assinar a ficha, fui à terra arrumar as minhas coisas e despedir-me dos meus pais, que estavam renitentes e não me queriam deixar vir, embora depois se convencessem, e cá estou, disposto a aperfeiçoar-me e a merecer da confiança que o Sporting deposita em mim.



Rola em acção, num exercício de domínio de bola...



cisa do concurso de todos os que realmente tenham jeito e força de vontade para se aperfeiçoarem.

Entre os novos recrutados que já pisaram o campo, em competição oficial, distinguiu-se um, transferido do Clube Desportivo de Estarreja para o Sporting Clube de Portugal.

Chama-se ele, Joaquim Tavares Guiomar, mais conhecido por Rola, designação esta que identifica a sua família, como já identificava a dos seus avós.

Nasceu no dia 13 de Maio de 1927, na terra do clube que ora abandonou, — no desejo legítimo



Pita Castelejo, nosso prezado camarada, troca impressões com Rola

(Continua na página 10)

SPORTING decididamente à cabeça do Torneio

RODA o Torneio de Preparação, que bem poderíamos designar por Campeonato de Lisboa e acentua-se o predomínio do Sporting. São impressionantes os números que colocam no pedestal a gente leonina: três vitórias com treze bolas a favor e as balizas imaculadas. Logo o 2.º tem apenas uma vitória e dois empates, acusando uma diferença de bolas enorme relativamente ao papão. E nasce assim um problema em referência ao segundo lugar; Atlético ou Benfica? A história diz-nos que os Clubes Grandes costumam resolver estes problemas a seu favor, mas vamos a ver... A situação do Belenenses tem aspectos negros. Olha-se para a Tabela e vê-se um clube da categoria do Belenenses na cauda da classificação, com a agravante de não ter marcado sequer uma bola em três encontros; e da sua defesa, considerada como um bloco sólido, ter sofrido sete golos, número unicamente ultrapassado pelo Oriental. Bem sabemos que há no clube forças suficientes para fazer subir a maré, mas enquanto esta estiver a descer o quadro é muito desagradável não só para os belenenses de alma e coração, mas, no fundo, para todos os adeptos.

Na terceira jornada da «Preparação», a visão panorâmica não é de todo agradável. Exige-se já muito em futebol, não se permitindo o jogo de meia bola e força, o lance ao acaso, a jogada imprecisa ou sem um fio de condução. Tem de se sentir, moderadamente, a organização de um grupo no duplo aspecto da defesa e do ataque, e aquele *team* que desejar ter autoridade não pode deixar de revelar, quando em luta, estrutura, me. Anca de lance e harmonia de conjunto. Os valores, mesmo que de alto grau, devem dar-se a uma tarefa de conjunto expressa na afinação e compreensão dos movimentos colectivos. Ora se, regra geral, a 3.ª jornada nos forneceu movimentação desregrada, também se viram fases de bom futebol. Nem tudo foi para deitar fora, pese isto ao juízo dos pessimistas.

Representa, mesmo, um bom sintoma vêr-se o Oriental bater o Belenenses e o Atlético ganhar ao Estoril Praia, dado que, resam as crónicas, todos estão de acordo quanto ao merecimento do triunfo.

O Belenenses apresenta atenuantes. Serafim magoou-se a meio da primeira parte, e Feliciano jogou de maneira incompreensível, diz-se que em más condições físicas, por lesão, que, aliás, outros contestam. Caso a lesão seja positiva, não tem justificação possível a sua inclusão. Recordemo-nos que estas partidas são excelentes para experiências, mesmo que arriscadas.

O ataque belenense deve mais uma vez ter falhado, e agora acompanhado pela defesa. Ao lembrarmos, porém, que o futebol de ataque precisa de vigor, força e decisão, compreende-se que uma *asa*, constituída por Bruno e Fidalgo está de antemão votada ao fracasso. Além de tudo, não se nota no grupo de Belém o necessário entendimento de todos. Jogam separados, e não têm já golpes estudados. Este defeito deve ser, talvez, o mais fácil de remediar pelo italiano Martini, de quem nos dão as melhores referências. Pelo seu lado, o Oriental jogou mais em conjunto e praticou futebol de melhor qualidade. A defesa parece um pouco mais ligada, e o ataque mostra-se capaz de marcar bolas, coisa importantíssima.

Também a vitória do Atlético não sofre contestação. Ganhou o grupo mais organizado, apegado à luta, com mais vontade e energia, e o que exerceu domínio territorial. Em síntese, o grupo mais apto. O Estoril revelou-se pouco treinado, faltando aos seus valores espírito de tenacidade. E' de crer que a formação da linha da frente (Gonzaga, Hernani, Negrila, Fandiño e Veríssimo) represente uma busca...

A primeira vista tem-se a impressão que o vencedor já está designado. Sporting domina, e dificilmente dará alguma queda. A sorte auxiliou-o com a última vitória, que, em justiça, seria um empate. Mas isso não chega a admirar quem anda na bola, pois todos sabemos o papel desempenhado pela lei da Sorte e do Asar. Ai daqueles a quem toca o lado mau!

Pode dizer-se do Sporting, com tanta ou mais razão, que também o grupo deve ainda melhorar muito, não só com o ingresso de valores como pelo aperfeiçoamento da máquina, que precisa, aliás, de um pouco de óleo para trabalhar sem ruídos.

A derrota do Benfica, mesmo sendo derrota, deve ter dado aos associados e simpatizantes, ou melhor, a todos, a ideia de que o clube dispõe de um grupo forte, capaz de travar a mais dura das batalhas contra o Sporting. A defesa continua a ser esplêndida, e o ataque acabará por ser encontrado. Há jogadores para um *team* à altura do Benfica.

O Torneio segue regularmente a sua marcha, prestando-se a diferentes análises e até a maneiras diversas de observar o jogo e os jogadores. Assim mesmo é que agrada. O contrário seria a monotonia.

TAVARES DA SILVA



DE CIMA PARA BAIXO — Um salto de Pascoal e Passos... Em frente, Teixeira. — O Benfica sai do vestiário e encaminha-se para o campo. — Uma jogada a meio do campo que mais parece um bailado, tendo como primeiras figuras Corona e Veríssimo. — O Sporting entra em campo.



DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Félix corta a jogada a Rola. — Contreiras, a um remate de Albano, na 2.ª parte, loca na bola, magistralmente, e faz canto. — Azevedo acabou de dar a bola, perseguida por Teixeira. Passos observa. — Peyroteo empenhou-se na luta inutilmente, desta feita. Contreiras e Félix defenderam. Estão ainda, de certo modo, integrados na jogada, Xico Ferreira, Vasques e Albano



No centro do terreno Félix trava renhida luta com Rola. Nesta jogada, em frente das balizas do Benfica, distinguem-se, da esquerda para a direita, Peyroteo, Vasques, Rogério, Arsénio, Veríssimo, Teixeira e Jacinto

Os bailados aquáticos

inovação norte-americana

têm grande número de adeptos

NAS alegorias mitológicas, como nas lendas e nas superstições dos povos bárbaros, desde tempos recuados, sempre uma figura feminina personificou o Espírito das Águas — um dos quatro elementos fundamentais da Natureza, segundo as concepções filosóficas dos helenos.

Essa escolha não devemos ao acaso. Como todos os corpos fluidos, Eva possui temperamento caprichoso, inconstante, inquieto e mais ou menos dotado de mistério. Sereias, de voz melodiosa, que fazia esquecer aos nautas ousados o caminho do regresso; ondinas, de peitos ebúrneos e cauda escamosa — resplandecente como ouro e prata — tentando os sentidos concupiscentes do Homem, para o conduzir às profundezas abissais, são tudo símbolos do Mar, dos seus encantos, traições e revoltas.

A Mulher e a Água, portanto, assemelham-se como irmãs gémeas. Depois de se consagrar, sem reservas, à Dança, a costela de Adão aceitou o desporto náutico com entusiasmo, compreendendo que nenhum outro meio é mais propício ao realce das suas formas, delicadas e esbeltas.

Eis, porque, presentemente, Terpsicore e Anftrite, a musa dos bailados e a esposa de Neptuno, se associaram num consórcio de estética.

A pureza dos gestos e o aticismo da linguagem muda dos movimentos, de ritmo brando e compassado; a originalidade das figuras, harmoniosas como frisos de um frontão, que as ondinas e sereias modernas desenham sob a superfície líquida e cristalina — autênticas cariátides humanas, ou sílfides entre a flora submersa, pálida e exótica — tudo excede o efeito pictórico das realizações ao ar livre.

A coreografia aquática está em marcha crescente. Já tem escolas próprias nos Estados- Unidos e não tardará que noutros países apareçam imitadores. Uma dessas escolas, em Weekiwachee Springs (Flórida) produz discípulas que fariam o orgulho de Isadora Duncan, na maneira como executam, rosáceas, estrelas e outras figuras de ballet.

Melhor do que as palavras, as fotografias que ilustram esta página, mostram-nos a perícia das raparigas, a beleza escultural das plásticas, e o absoluto domínio do meio líquido, onde só os peixes respiram à vontade, agora domesticado pelas filhas de Eva, numa submissão total e sem reticências.

RAFAEL BARRADAS



Um exercício de ginástica dentro de água, pleno de harmonia e beleza!



A graça harmoniosa dos movimentos das nadadoras, dentro de água...

ROBA (do Estarreja)

(Continuação da página 6)

- Tem cá família?
- Uns tios em casa de quem estou. A propósito quero dizer-lhe que já estou empregado, tendo sido essa a minha única preocupação quando vim para Lisboa.
- Tem simpatia especial por qualquer jogador?
- Pelo Peyroteo, Francisco Ferreira e Travassos...
- Está contente?
- Muíto. Todos os jogadores são amáveis para mim. Peyroteo e Manuel Soares Marques, têm sido gentis, dando-me bons conselhos.
- Gostou de jogar contra o Oriental?
- Sem dúvida. Comecei nervoso

mas depois dominei-me. Embora tenha marcado três bolas, não fiquei contente com a minha actuação.

Não fiz um jogo por aí além. Vou esforçar-me para que em outros jogos seja mais feliz... mesmo sem meter golos...

O treinador Peixes chama-o. O treino vai recomeçar.

Ao despedirmo-nos, inquirimos ainda:

— Ambições?

— Ainda é cedo para falar nisso. Mais tarde...

E com esta resposta nos deixou, correndo para junto dos seus companheiros.

PITTA CASTELEJO

GRAVURAS

A MODERNA

de Armeis & Moreno, Lda.

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Travessa S. João da Praça, 38

Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA

A VIDA de Fernando PEYROTEO

FAMOSO JOGADOR DE FUTEBOL

Escrita por Pitta Castellejo

I

Corria o ano de 1918.

O engenheiro de Obras Públicas, sr. José de Vasconcelos Peyroteo, fôra encarregado de proceder ao estudo de um novo caminho de ferro que atravessando o deserto ligaria Moçâmedes a Sá da Bandeira, aproveitando outras zonas de influência local ainda não servidas por este meio de transporte, como por exemplo Humpata, localidade pouco populosa, é certo, mas de grande importância pelo seu maravilhoso Posto Zootécnico, um dos melhores senão o primeiro da colônia.

Os companheiros de trabalho desenvolviam a maior actividade no cumprimento das ordens recebidas do seu superior, que, mereç das excelsas qualidades de carácter, encontrara em cada subordinado um verdadeiro amigo.

Arrostando o calor sufocante, aqueles homens tisanados pelo sol abrasador, encontravam-se ligados por uma afeição forte, resultante da perfeita conjugação dos seus esforços, uma produção eficiente e útil.

Pesados os prós e os contras, com vista ao local que melhor servisse para orientar os trabalhos, resolvera, a seu tempo, o engenheiro José Peyroteo, fixar residência em Humpata, ali se alojando com a numerosa família, composta da esposa e 10 filhos!

Pai estremoso e marido dedicadíssimo, este categorizado funcionário do Estado, vivia apenas para os seus deveres profissionais e para a família que idolatrava.

Longe de casa, em pleno campo, enquanto consultava as plantas e applicava a melhor da sua atenção ao desenvolvimento dos cálculos,

muitas e muitas vezes um frémito de alegrias um pensamento feliz, qual preece fervorosa, inundava-lhe a alma, alterando o curso da sua concentração espiritual.

No mais recondito do seu amágo, germinava a luz brilhante de uma esperança que o acompanhava, que religiosamente lhe segredava, para breve, uma surpresa radiosa, uma alegria fagueira, uma felicidade tão grande, que o obrigava a desejar insistentemente que a marcha do tempo fôsse mais célere!

Os dias, porém, no seu ritmo uniforme, sempre iguais, foram passando, indiferentes à ansiedade daquele coração que batia agitado.

A vida rotineira continuou, com despêndio de energias na labuta diária, e os seus momentos de alegria alternados com horas de enervamento e de tristeza.

Chegou, enfim, o mês de Março!

Na residência da família de Peyroteo, pairava levemente uma fragância nova, presentia-se de forma ténue que alguma coisa se estava para passar!

O chefe da família, contemplava demoradamente a esposa, amimava-a com mais carinho ainda, do que o costumado, fitava com maior insistência os filhos, a todos estreitando num longo amplexo visual, numa eloquente demonstração de quanto lhes queria!

O desassossego que o acompanhava, a ansiedade que o pungia, deram lugar à ventura, à espontânea alegria que faz correr as lágrimas, quando no dia 10 dêsse mês, um novo ser, carne da sua carne, sangue do seu sangue, nasceu para a vida, para o amor da família, para a ditosa pátria dos seus maiores!

Se cantássemos em verso o nascimento de Fernando Baptista Seixas Peyroteo, começá-riamos assim:

Num lar feliz e risonho,
Todo paz, amor e sonho,
Um outro filho nasceu...

Três versos bem expressivos do vinculado amor que unia esta família de bons portugueses!

Infelizmente, um ano e meio após o nascimento do filho, o eng.º Peyroteo falecia em Moçâmedes, para onde se mudara pouco antes, deixando a esposa e os filhos mergulhados na maior consternação perante tão irreparável perda!

Assim, Fernando, embora nado em Humpata, foi criado em Moçâmedes, cidade onde cresceu, frequentou a escola, fez o exame de instrução primária e cursou, depois, a escola de magistério primário superior.

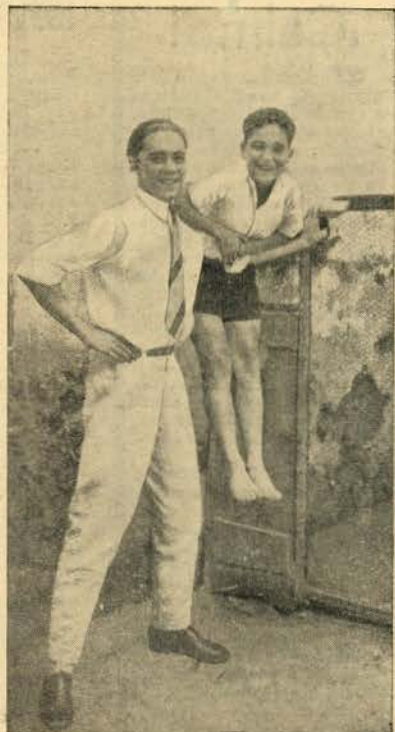
II

Os irmãos de Fernando, embora profissionalmente bem colocados, haviam revelado uma irresistível inclinação para o futebol, que pratavam por amadorismo, cotando-se, alguns deles, como elementos de primeira grandeza, defendendo as cores do Sporting Club de Moçâmedes.

O «miúdo», não poude deixar de sentir os efeitos de tal vocação e, assim, por volta dos oito anos, com a aquiescência benévola de estremosa mãe, lá ia contentíssimo para o campo, na companhia dos irmãos que o adoravam.

Vivo, azougado, não perdia de vista a bola feiticeira, sentindo enorme prazer com o espectáculo que aos seus olhos se desenrolava.

Prestável, solícito, não se esquecia de ter junto de si, garrafas com água ou gaseosa, para



A expressão sorridente do pequeno Fernando ao lado do seu irmão Américo

refrescar, sempre que oportuno, as gargantas sequiosas do Américo, Jorge, José, Alvaro, Mário e Manuel, os seis esplêndidos jogadores seus irmãos a quem retribuía com todas as veras do seu coração infantil o mesmo afecto que eles exuberantemente lhe dedicavam.

Quando a família se encontrava reunida, o tema favorito de Fernando, era, como não podia deixar de ser, o futebol.

Escutava com enlevo as narrativas dos mais velhos, prestando-lhes cuidada atenção, vivendo sofregamente o que lhe contavam. Para ele, a bola começava a ser uma tentação, em fruto maduro e apetecível que ansiava, cada vez mais, poder ter ao alcance da sua «gula».

— Hei-de também ser um jogador como vocês, — dizia convicto para os irmãos.

Estes sorriam com ar céptico, e a bondosa senhora sua mãe, afagava-lhe os cabelos anelados, apoiando a meia voz a afirmativa do «enfant-gâté» da família.

Por volta dos 10 anos durante os momentos de liberdade, Fernando começou os seus «treinos»... com uma bola de trapos, na companhia da miudagem da vizinhança. Depois, com o passar do tempo, a bola feita com meias, foi substituída por uma bola a valer, igual àquela que os «grandes» pontapeavam, embora mais pequenins, para poderem com ela...



Fernando (o da direita) aluno do Liceu Diogo Cão

(Continua)

Stadium

na capital do Norte

Calma!

Diz-se muita coisa cá pelo pelo Porto sobre a situação actual do seu primeiro clube. Qualquer coisa se passa, em verdade, mas julgamos que alguma solução se encontrará para remediar o mal que parece afligir a massa associativa do popular campeão nortenho.

Falta por certo alguma serenidade para encarar os vários problemas que afligem o Porto. A sua gerência trabalha activamente, ora animada pelo desejo de arrumar a questão do seu campo, ora servindo o seu ecletismo desportivo, mas as dificuldades surgem constantemente, difíceis de vencer, cada vez mais pesadas e aborrecidas.

Mas por certo triunfará o bom senso das pessoas inubordinadas — se elas o estão de facto. Se não triunfar, se fôr por diante o seu propósito, consiga a gente do F. C. do Porto, pelo menos, algumas reservas de energia para reagir e para esquecer os que o não querem representar. — lo com dedicação.

Julgamos nós, e é sabido por cá, que são bem tratados os elementos do F. C. do Porto. Ora, se existe ingratião, tome-se a atitude como desfeita injustificada e aprecie-se como fôr de justiça. Pão, pão — queijo, queijo.

Passar o tempo a dar pancadinhas amigáveis nas costas, não resolvendo dificuldades, conduz a um estado de coisas deplorável — o estado de coisas em que tem vivido nas últimas semanas a gerência do primeiro clube portuense.

Será tempo de estabelecer uma ordem e uma doutrina, dando ao jogador o que fôr possível, mas impondo-lhe também o cumprimento de respeitáveis deveres. O «caso» do F. C. do Porto pode ser um «caso» geral, e é bom que os simpatizantes tomem na discussão do pleito a sua parte, a fim de apreciarem os assuntos com digna ponderação, castigando culpados e louvando quantos fazem o possível por cumprir com as suas obrigações.

EXEMPLOS CURIOSOS

Virgílio Marques Mendes, o rapaz do Entroncamento, hoje no F. C. do Porto, «internacional» de boa categoria, deu ao seu actual agrupamento uma simpática prova de amizade clubista. E de bom senso.

Tratando-se de um valor, Virgílio Marques Mendes pouco exigiu. Quase nada solicitou. Ele no-lo disse após a sua chegada de África:

«Fiz o possível por servir a minha colectividade. Suportei pedidos, alguns tentadores, vindos de vários clubes portugueses e espanhóis. Mas eu não quero o futebol só para hoje. Eu quero que na hora da minha despedida — e ainda é cedo para pensar nisso, — alguém se lembre da minha dedicação ao F. C. do Porto.»

De facto, estes exemplos devem ser levados ao conhecimento das massas desportivas. Na altura em que escrevemos, por exemplo, passam-se uns casos perturbadores. Nem todos procederam como Virgílio, como se sabe, e está o campeão nortenho na contingência de se vêr a braços com uma crise bastante grave.

Logo — louvemos o simpático moço do Entroncamento. E' certo que outros bons jogadores lhe seguiram o exemplo são e honesto. Joaquim, excelente rapaz, não «discuti», não colocou o seu grupo em dificuldades. E alguns mais, modestos mas nem por isso menos valorosos. Falamos de Virgílio especialmente, porque foi assediado constantemente, mercê da propaganda feita ao seu nome e da categoria que soube demonstrar, nos jogos internacionais e nos jogos de clube.

Disse-nos ainda o defeso direito internacional:

«O F. C. do Porto tem-me estimado bastante. Andei na tropa, fora do Norte, e não me desamparou. Paga-me honestamente. E não me deixou desempregado. Podia eu sêr ingrato? Sei que receberia agora certa importância choruda se quisesse entrar em conflito. Mas para quê? Talvez me arrependesse mais tarde, e não conseguiria certamente clube de maior categoria.»

Dissemos sempre que Virgílio era um exemplo curioso do futebol nortenho. Não o esqueça a gente do seu clube — e hoje mais do que nunca!

CURIOSIDADES...

Parece que o F. C. do Porto não ficou satisfeito com a atitude de um importante clube, que obteve o concurso de um seu jogador. Julga-se nas fileiras do campeão nortenho que o assunto poderia muito bem ser solucionado com o seu acordo.

Arújo está impedido de jogar. Todo o ano? Sim, com certeza todo o ano. A impressão geral era favorável ao rapaz de Pairedes. Mas os médicos decidiram

de outro modo. O que irá acontecer? Há quem diga que António Araújo abandonará de vez o futebol, promovendo uma festa de despedida.

Em nosso entender, porém, Araújo ainda está novo e pode ser útil ao futebol portuense e nacional. E' uma questão de esperar. E talvez outra: — a de Araújo querer! Calculamos que o F. C. do Porto enfrentará igualmente a situação com a calma necessária.



Os concorrentes às provas finais dos campeonatos regionais de natação, no Porto



ALÍRIA FIEL do (F. C. do Porto), vencedora dos 100 metros costas



ABEL GUIMARÃES — (F. C. do Porto), que estabeleceu o novo recorde nacional dos 100 metros no estilo «mariposa»

PORTUENSES

assinem a STADIUM

Porto, 5-Beça, 2



A defesa do Leça evita o remate de José Maria

Hóquei em patins



A equipa do Sport Clube do Porto, campeão regional da Segunda Divisão que subiu de Divisão



NA INAUGURAÇÃO DO CAMPO DA ARREGAÇA A CADÉMICA 5-UNIÃO 0

De cima para baixo — O presidente da Câmara Municipal de Coimbra saúda o União, na inauguração do campo da Arregaça. — O grupo do União com todos os seus elementos. — Os grupos «Janfria» do União que fizeram uma demonstração de jogo, tendo ao lado Dissidério Herizka. — Celso defende uma bola par alto. — Capela executa uma defesa apertada

O campeonato mundial de ciclismo

disputou-se quinze vezes

7 vitórias belgas, 4 italianas, 2 francesas, 1 suíça e 1 holandesa — Alfredo Binda, o único com três títulos

COMPETIU este ano à Dinamarca a organização dos campeonatos mundiais de ciclismo. Ali se desenrolaram as tradicionais competições a que concorrem os mais destacados corredores europeus e esporadicamente também fazem a sua aparição alguns homens dos outros continentes, quase sempre com pouco luzimento. O ciclismo é um desporto popularíssimo, especialmente, na modalidade de corridas em estrada ou nas chamadas «Voltas». Vamos rapidamente historiar os campeonatos mundiais em estrada, de profissionais.

Estes campeonatos não se efectuam há muitos anos. As Federações nacionais dos diversos países nunca chegaram a acordo, quanto à sua organização, até 1927. E na primeira organização escolheu-se um percurso tremendamente duro, na Alemanha, nas montanhas Eifel. Participaram neste primeiro campeonato corredores de oito nações. Antes da penúltima volta do circuito (Neerburg-Ring), cuja configuração era ideal para os escaladores, com escassos trechos planos, destacaram-se os italianos e era o famoso Alfredo Binda quem ganhava o primeiro título, seguido dos seus compatriotas Girardengo e Piemontesi. Tinha então Binda 23 anos. Era em 1928.

No ano seguinte, em Budapeste, proclamou-se campeão o belga Georges Rousee. Tratava-se de um atleta formidável, veloz em estrada plana, mas mediocre na montanha, que levou contudo a melhor a Binda. Durante três anos ambos os corredores dominaram todos os seus adversários europeus. O percurso de Budapeste, todo plano, era a antítese de 1928.

No terceiro Campeonato, disputado em Zurich, em 1929, voltou a triunfar novamente o belga Rousee. O luxemburguês Nicolás Frantz classificou-se em 2.º lugar e Binda foi terceiro. No ano seguinte, na Bélgica, em circuito próximo da cidade de Liège, o italiano desforrou-se de Rousee e obteve pela segunda vez o título de campeão mundial. O belga quedou-se em terceiro, sendo segundo outro italiano que havia de ser mais tarde famoso: Learco Guerra. Em 1931, em Copenhague, ganhava o campeonato contra-relógio.

O Campeonato de 1932 disputou-se em Roma, no circuito de Tivoli, verificando-se a ressurreição de Alfredo Binda, que alcançou a sua terceira vitória, proeza até agora nunca igualada por outro ciclista. Em segundo apareceu pela primeira vez um francês, Georges Speicher, que havia de ganhar o campeonato de 1933, dis-

putado, em Paris, no circuito de Monthery.

O Campeonato de 1934, teve por cenário novamente a Alemanha. Desta feita o percurso era quase todo plano e a chegada à meta verificou-se em pelotão, ganhando o *sprint* o belga Karel Kaers sobre o italiano Learco Guerra. Kaers era um autêntico fenómeno! Venceu depois a prova «Seis Dias», com a mesma facilidade com que ganhava as corridas em estrada ou em pista.

No ano de 1935, foi outro belga o vencedor, Jean Aerts. O percurso era em circuito, próximo da cidade de Liège. Em segundo lugar classificou-se o espanhol Luciano Montero e em terceiro o belga Dannels.

O francês Antonin Magne, vencedor da «Volta à França» em 1931 e 1934 e três vezes do «Grande Prémio das Nações», encon-

trou, em Zurich, no ano de 1936, a consagração máxima da sua carreira, ao bater o italiano Bini e o holandês Middlekamp, conquistando o título mundial.

Em 1937, em Copenhague, os favoritos foram derrotados e foi um belga, de nome arresado, Menleberg, quem se proclamou campeão, seguido de Kijewski e do suíço Egli. No ano seguinte, em circuito, próximo da cidade holandesa de Valkenburg, o belga Marcel Kint apoderou-se do título. Grande campeão, este «água-negra»! Depois de estar sem correr três anos fez uma reaparição triunfal.

A guerra obrigou a suspender-se estes campeonatos que foram reanunciados em 1946, em Zurich, ganhando o suíço Hanz Knecht, seguido de Marcel Kint e de outro belga, Van Steenterghen.

Em 1947, o campeonato dispu-

tou-se em França, na cidade de Reims, com um terrível calor, sendo uma das mais famosas provas que a história destes campeonatos regista. Dos 31 ciclistas que partiram só sete terminaram a prova. Entre os que abandonaram o campeonato figurava Fautou Coppi. Venceu o holandês Theo Middlekamp, seguido do belga Sereu, do holandês Jausen e do italiano Magni.

O ano passado, o campeonato foi disputado em Valkenburg, na Holanda, proclamando-se campeão o belga Albert Seeboote, que bateu ao *sprint* o francês Apso Lazardes. Outro francês, Lucien Telsseire, chegou em terceiro, quatro minutos depois. Foi notável o duelo Coppi-Bartali, ambos acabando por se retirarem do campeonato.

E, finalmente, este ano, em Copenhague, o belga Van Stensbergen foi o grande vencedor!

Eis a breve história dos campeonatos mundiais de ciclismo para profissionais. Os belgas têm forte proeminência nesta especialidade. Com a vitória deste ano sobe a 8.ª o número de triunfos. Mais quatro que os italianos, seis que os franceses e sete que os suíços e holandeses.

Como se depreende deste relato apenas cinco nações têm ganho os campeonatos: a Bélgica, a Itália, a França, a Suíça e a Holanda, podem considerar-se o berço do ciclismo.

JOSÉ BATALHA

ATLETISMO

OS CORREDORES DE FUNDO

na época de 1949

Melhores tempos da época:

3.000 metros: J. Branco (Bl.), 9 m. 2,2 s.; Af. Marques (Sp.), 9 m. 3,8 s.; J. Araújo (Bl.), 9 m. 5,5 s.; A. Conde (Sp.), 9 m. 14 s.; Pires de Almeida (Cuf.), 9 m. 14,2 s.; A. Guedelha (Bl.), 9 m. 16,8 s.; F. Aguiar (Bl.), 9 m. 24,8 s.; M. Faria (Sp.), 9 m. 27,8 s.; Casimiro Lúcio (Sp.), 9 m. 28,8 s.; J. Alves (Ac.), 9 m. 36,4 s.

5.000 metros: A. Marques (Sp.), 15 m. 47,8 s.; Filipe Luís (Sp.), 15 m. 51,2 s.; A. Conde e Araújo, 15 m. 59,8 s.; C. Lúcio, 16 m. 13,8 s.; Cl. Martins (Bl.), 16 m. 32 s.; M. Gonçalves (Bl.), 16 m. 33,8 s.; Aq. Vieira (Sp.), 16 m. 49 s.; M. Faria, 16 m. 51 s.; A. Marrazes (Sp.), 17 m. 0,4 s.

10.000 metros: A. Marques (Sp.), 32 m. 34,2 s.; J. Quaresma (Sp.), 32 m. 41,6 s.; F. Luís, 33 m. 32,4 s.; A. Conde, 33 m. 48,2 s.; M. Gonçalves, 35 m. 1,4 s.; Coutinho Mourão (Ac.), 36 m. 3,4 s.; M. Nogueira (Sp.), 37 m. 0,2 s.; A. Marrazes, 37 m. 31,8 s.

As corridas de fundo são aquelas em que menos se tem progredido em Portugal; os tempos de agora são os mesmos de há uma dezena de anos e isto por dois motivos: condições de vida impróprias no meio onde são recrutados os praticantes da especialidade, métodos de treino modernos impossíveis de aplicar porque os corredores não podem ou não

querem seguir uma preparação aturada e rigorosa.

A agravar a situação é cada vez mais escasso o número de praticantes; os seniores corredores de fundo nunca foram este ano mais de dez, alguns já com direito a reforma. Nos principiantes e nos juniores revelaram-se alguns elementos de valor, mas ainda demasiado «crus» para que seja possível contar imediatamente com eles.

De entre quantos se estream em pista, o algarvio Casimiro Lúcio mereceu o número um; 16 m. 13,8 s. na légua já é uma referência se levamos em conta a inexperience do atleta.

Outros nomes a citar: o benfiquista Aguiar, que considero mais corredor de 1.500 metros do que de 5.000 metros; os sportingulistas Aquiles Vieira e Manuel Faria e outro benfiquista já mais batido, Claudino Martins.

Na categoria superior encontramos quatro homens já especialistas formados (Afonso Marques, Filipe Luís, José Araújo e Manuel Gonçalves) e os outros quatro na rota ascensional (Alvaro Conde, Quaresma, Carvalho e Guedelhas).

Afonso Marques é hoje o nosso melhor fundista e, trabalhando com interesse melhorará os recordes dos cinco e dez quilómetros com a mesma facilidade com que bateu este ano o dos quinze. O seu estilo é defetuosíssimo mas

impõe-se pelo poder e resistência.

Filipe Luís, melhor estilista mas já na curva decrescente da forma, bateu Afonso nos Nacionais porque este seguiu tática errada, adormecendo na cadência do companheiro de clube, que, folgado, lhe ponde fugir no final.

José Araújo é um corredor aplicado, mas frágil e Gonçalves só tem valor nas provas de grande fundo. Só começa a andar depois dos dez quilómetros.

Alvaro Conde, que em Março se apoderou do recorde nacional da hora com 17.055,35, não teve a temporada de pista que seria lícito esperar; crise de saúde, excesso de quilometragem, a verdade é que a forma desapareceu e os seus resultados foram medíocres. Vale muito mais.

Carvalho é, dos aspirantes do grupo, aquele de quem mais esperava, depois da sua memorável estafeta na corrida Cascais-Lisboa; correcto de estilo, com passada fácil e descontraída, consideramolo um dos favoritos para a época de pista, na qual infelizmente marcou abstenção completa.

Quaresma teve a sua melhor prova nos 10.000 metros regionais, em que obrigou Afonso a empregar-se, lutando com energia, mas energia desordenada. É homem, convenientemente preparado, para atingir o recorde da distância.

SALAZAR CARREIRA

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

EMBORA tenha cortado a «coleta» de pugilista, o preto Joe Louis Barrow, antigo campeão mundial de box, continua a viver na memória dos seus admiradores com grande intensidade. Devemos acrescentar, para esclarecimento do leitor, que não se resume apenas a pessoas de tez escura mas a muitas de cor branca, pois Joe Louis — ao contrário do insolente Jack Johnson — portou-se sempre com excepção aprumo, dentro e fora do retângulo.

Nesta semana última, o sensacional ex-pugilista lornado empresário, inaugurou o primeiro botiquim com o seu nome e que é reservado exclusivamente a fregueses descendentes de Cham, ou, por outras palavras, a indivíduos de raça africana.

Joe Louis é pouco culto mas sabe servir-se das palavras com rara felicidade; que muitos invejariam. Haja em vista a resposta que deu a um imperlinente, declinando o convite para assistir no écran à sua única derrota, propinada por Max Schmeling:

— Para quê, se eu estive lá!

Agora, como causasse certa estranheza inaugurar um botiquim onde os seus admiradores brancos não são admitidos, foi-lhe perguntado o motivo, ao que Joe Louis com sagacidade respondeu:

— O bar é pequeno. Não cabiam lá todos.

Trata-se, evidentemente, de uma explicação airosa cuja filosofia talvez passe despercebida a muita gente. Agora a circunstância simpática de sublinhar o número grandioso dos seus admiradores brancos, Joe Louis pretendeu — provavelmente — responder à proibição habitual de indivíduos de cor frequentarem certos lugares de bom tom.

JAZ tuberculoso, num hospital novaiorquino, um pugilista retirado que foi autêntico ídolo parisiense. Chama-se Afonso Teófilo Brown e nasceu na cidade de Panamá, mas a carreira como jogador passou-a na Europa e nos Estados Unidos.

Um dos seus mais íntimos amigos — há nisto dois sentidos diferentes, segundo a versão popular — foi Jean Cocteau. Com empenho dobrado, rogou a Cerdan que o visitasse para o animar e Marcel cumpriu a promessa, indo vê-lo, mas saiu do lugar fortemente abalado pelo espectáculo.

— Como foi possível descer a um nível de tanta pobreza! Suspirou o popular pugilista de Casablanca.

A explicação do caso interessa menos que a sua inexorável frequência. A maioria de muitos desportistas que foram idolatrados, caiu no maior esquecimento, logo que a série dos triunfos se extinguiu. O boxe, então, fornece exemplos inumeráveis. Um dos mais chocantes, todavia, foi o do famoso ciclista francês Jacquelin, considerado o Rei do Pedal nos primeiros anos deste século. Ele, que ganhou fortunas, acabou esmolando de noite, quase embuçado, para não revelar as feições aos transeuntes. Um pudor indomável impedia-o de solicitar dos amigos de outrora o mais pequeno obsequio, até que a Morte se condeou e o levou para a vala comum.

A ingratidão da população é um caso averiguado. A popularidade, por sua vez, tem a efêmera existência das flores, mas umas murcham e não largam perfume enquanto que outras, mesmo depois de desaparecidas, deixam rasto aromático — a Saudade.

RAFAEL BARRADAS

Boxe

O balanço da semana, no que respeita ao pugilismo europeu, tem pouco a referir. Na vizinha Espanha, em Sabadell, o estilista local Massano e o italiano Ringonzi, ambos levíssimos, empataram em 8 assaltos.

O novo campeão do Império Britânico da categoria «médios», Dave Sands, apresentou-se à novidade ao público, a 12 de Outubro, contra um pugilista americana que pode bem ser o famoso Rocky Graziano.

Este último deu mais um passo na direcção do campeonato do Mundo. Oposto, no Madison Square Garden, ao jovem Charley

Fusari, venceu-o por *kno.kout* ao 10.º assalto.

Kid Gavilan, o recente adversário de Ray Robinson, ganhou por pontos a outro jovem. Rocky Castellani esteve na lona duas vezes e acabou com as arcadas supra-ciliares muito contusas. Este combate inaugurou a temporada de Inverno novaiorquina.

Em Omaha, Ray Robinson, campeão internacional de «semi-médios», bateu amplamente por K-O ao 5.º round, Bernie Evans. Finalmente, Ezzard Charles, sucessor de Joe Louis, apareceu ao público californiano pela primeira vez. Seu adversário foi Pat Valentino, estrela local que sucumbiu por pontos mas o título não esteve em disputa.



Humberto A. de Lucas, famoso centro-avancado do Chacarita Juniores

Pesos e alteres

Terminaram os campeonatos do Mundo desta modalidade, que se efectuaram na cidade de Haia (Holanda). O vencedor absoluto foi o negro americano Davis que no entanto falhou o intento de bater o recorde mundial de *jéle*, pertencente a Charles Rigoulot.

Nos semi-pesados, conquistou o primeiro lugar Stanczyk, norte-americano também; em levíssimos saiu vitorioso o campeão do Iran, Mamdjú.

A falta da Rússia e da Checoslováquia reduziu o interesse da competição.

Polo aquático

O torneio europeu de polo-aquático, celebrado em Milão, terminou pela brilhante vitória da equipa holandesa, sem derrotas. Classificou-se em seguida a Itália (1 derrota); a Hungria (2 derrotas), a Bélgica, Suécia e França.

Ciclismo

No velódromo de Herne Hill celebrou-se um importante desfilio-desfora entre o campeão mundial de velocidade (profissionais), Reginald Harris e o holandês Van Vliet que conquistara o título em 1948.

A primeira mão pertenceu a Van Vliet mas as duas seguintes couberam a Harris, que assim provou ser-lhe superior.

❖ Parece estar assente a vinda a Portugal dos dois ases Fausto Coppi e Gino Bartali, que se exhibirão no Estádio de Alvalade, em Outubro.

Voleibol

Resultados do Campeonato do Mundo que se desenrola em Praga: França venceu a Itália (4 partidas); Checoslováquia a Holanda (3 partidas); a România ganhou a Bélgica (3 partidas) e a U. R. S. S. dispôs da Hungria (3 partidas).

Atletismo

Depois de uma digressão demorada pela Europa, durante a qual foram melhorados os recordes de peso, regressaram aos Estados Unidos as equipas americanas que disputaram frequentes desfilios no Velho Mundo.

O festival de despedida teve lugar em Oslo e foi brilhante. O potente atleta Fortune Gordien venceu os dois lançamentos, de

peso (16,ºº) e disco (50,ºº) manifestando a sua forma excepcional; o barceirista Ault igualou o recorde mundial de 400 metros no tempo de 52,2 s.; Stanfield confirmou que é o primeiro velocista da actualidade (depois da despedida de Mel Patton), vencendo os 100 metros em 10,7 e os 200 em 20,9; o negro Whitfield triunfou nos 400 metros, que correu em 46,5 segundos e somente o salto em comprimento destoou imenso do resto dos resultados: Roberts, com 6,ºº.



ATLETICO, 2-ESTORIL, 0

DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Um salto atlético de Sebastião, tendo na sua frente Silveira Pereira. — Um molho de três jogadores do Atlético não leva a melhor contra Sebastião, o qual está rodeado por Galo, Casseano e Eloi. — Eloi detem a marcha de Teixeira da Silva. — Ben David ataca energeticamente Sebastião...



ORIENTAL, 2-BELENENSES, 0

Gonçaves segue ansiosamente, a trajectória da bola que Caelano defende. Leidão está encoberto... Feliciano procura tapar o caminho a França, e Caelano está prestes a executar a defesa